

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
COLEGIADO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ISABELA DA SILVA SALES
IZAEL NEGRÃO GOMES
JOELSON GOMES TAVARES

A PROMESSA, A COBRA E A VILA: UMA LEITURA SOBRE O IMAGINÁRIO
POPULAR DA VILA DE SUCURIJÚ / AP

MACAPÁ-AP
SETEMBRO/2013

ISABELA DA SILVA SALES
IZAEL NEGRÃO GOMES
JOELSON GOMES TAVARES

A PROMESSA, A COBRA E A VILA: UMA LEITURA SOBRE O IMAGINÁRIO
POPULAR DA VILA DE SUCURIJÚ / AP

Trabalho apresentado em banca de
examinação como pré-requisito para obtenção
do título de graduado em Ciências Sociais
(licenciatura e bacharelado) pela Universidade
Federal do Amapá, sob orientação da Prof.
Maria do Socorro Oliveira.

MACAPÁ-AP
SETEMBRO/2013

ISABELA DA SILVA SALES
IZAEL NEGRÃO GOMES
JOELSON GOMES TAVARES

A PROMESSA, A COBRA E A VILA: UMA LEITURA SOBRE O IMAGINÁRIO
POPULAR DA VILA DE SUCURIJÚ / AP

Trabalho apresentado em banca de
examinação como pré-requisito para obtenção
do título de graduado em Ciências Sociais
(licenciatura e bacharelado) pela Universidade
Federal do Amapá, sob orientação da Prof.
Maria do Socorro Oliveira.

Data da defesa: 19/09/2013

Banca Examinadora:

Orientador: _____

Membro: _____

Membro: _____

A PROMESSA, A COBRA E A VILA: UMA LEITURA SOBRE O IMAGINÁRIO POPULAR DA VILA DE SUCURIJÚ

Isabela da Silva Sales¹
Izrael Negrão Gomes²
Joelson Gomes Tavares³

RESUMO:

Esse trabalho tem por objetivo elaborar uma leitura antropológica a respeito da vila de Sucurijú, localizada no extremo leste do Estado do Amapá, fundamentar teoricamente o conceito de imaginário popular e suas implicações na dinâmica da comunidade abordando os aspectos gerais da vila no que diz respeito a dinâmica geográfica e os aspectos socioeconômicos, analisar através das narrativas o contexto em que surge a história do rio e, por conseguinte o nome da vila através da promessa e a cobra e sua relação com a festa de Nazaré, evento mais importante da vida local em que retrata a relação original entre a vila e o rio, destacando deste modo o papel do imaginário popular e das crenças religiosas, e suas implicações na maneira específica de viver desta comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário popular. Narrativas. Crenças. Religiosidade.

ABSTRACT:

This work aims to develop an anthropological reading about Sucuriju village, located at the eastern end of the state of Amapá. Theoretically substantiate the concept of popular imagery and its implications in community dynamics addressing general aspects of the village in disregard of dynamic geographic and socioeconomic aspects. Analyzing narratives through the context in which the emergence history of the river and hence the name of the town by the promise and the snake and its relationship with the party of Nazareth, the most important event in local life that depicts the relationship between the original village and the river. Thereby highlighting the role of popular imagery and religious beliefs, and their implications in specific way of life of this community.

KEYWORDS: Popular imagery. Narratives. Beliefs. Religiosity.

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá-UNIFAP

² Acadêmico do curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá-UNIFAP

³ Acadêmico do curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá-UNIFAP

1 Introdução

No decorrer do curso de ciências sociais nos deparamos com várias linhas de estudos e categorias de análises. Dentre elas uma que nos despertou muito a atenção foi as abordagens referentes ao imaginário popular e as crenças religiosas presentes nas comunidades ribeirinhas. Este trabalho vai tratar de considerações a respeito do imaginário popular na vila de Sucurijú, através das narrativas populares, demonstrando como as histórias contadas na comunidade exercem uma forte influência na vida dos moradores.

O texto apresenta-se dividido em quatro momentos, para isso no primeiro tópico procuramos fundamentar teoricamente o conceito de imaginário popular e suas implicações na dinâmica da comunidade; no segundo momento abordaremos os aspectos gerais da vila no que diz respeito a dinâmica geográfica e os aspectos socioeconômicos; no terceiro momento trataremos o contexto em que surge a história do rio, e por conseguinte o nome da vila através da promessa e a cobra. E por último abordaremos a festa de Nazaré, evento mais importante da vida local em que retrata a relação original entre a vila e o rio.

Podemos encontrar nessa comunidade características do imaginário popular que são manifestadas no cotidiano, como o culto a santos e imagens e a crença em seres sobrenaturais. Esses fatos são representados através de manifestações folclóricas e outras consideradas por eles como sagradas, as quais são celebradas todos os anos.

A importância desse trabalho se dá na medida em que vai levantar considerações acerca da manifestação cultural que a comunidade do Sucurijú representa para o processo de construção da identidade do povo ribeirinho e o quanto o imaginário se faz presente e necessário na dinâmica de relação social intensa da comunidade.

A comunidade é composta por poucos moradores. A origem do próprio nome “Sucurijú”, tal como é contado, é repassado culturalmente aos membros da comunidade é fundamentado na criação de uma lenda. Fato este, dentre outros que buscam fundamentação no imaginário, sugere a hipótese de que as narrativas populares ainda presentes em Sucurijú norteiam a vida dos seus moradores.

Do ponto de vista da metodologia, para a construção desse trabalho buscamos levantar leituras sobre a comunidade, no sentido de adquirir embasamento teórico. Realizamos pesquisa de campo para coletar dados que nos auxiliaram em informações prática para o desenvolvimento do trabalho.

Permanecemos na vila por um período de tempo, como recomenda Malinowski em seus famosos preceitos, propondo-nos assim uma “*observação participante*”, onde pudemos participar da rotina desses moradores e anotar em nossos cadernos de campo as entrevistas, conversas informais, visitas, além de gravações de vídeos e fotos usadas que colaboraram para realização do trabalho. Visitamos a região dos lagos onde coletamos parte das histórias vivenciadas pelos moradores do local. Acompanhamos todo o período em que se realiza a festa de nossa Senhora de Nazaré, de modo que pudemos estabelecer uma análise da relação entre o sagrado e o profano na comunidade.

Optamos por utilizar a metodologia da antropologia interpretativa, onde os atores sociais através das interpretações das suas próprias realidades nos fornecem fundamentos essenciais para uma compreensão, já que trabalhamos com significados, aspirações, motivações, crenças, valores, narrativas que correspondem a um espaço mais profundo e complexo das relações sociais, como reforça Geertz (1997. p.13).

Se, como eu fiz, obtemos relatos sobre a maneira como algum grupo qualquer – poetas, marroquinos, políticos da época elisabetana, camponeses de bali, ou advogados americanos – interpreta suas experiências, e depois utilizamos os relatos daquelas interpretações para tirar algumas conclusões sobre expressão, poder, identidade, ou justiça, sentimo-nos, a cada passo, bem distantes de estilos – padrão de demonstração.

Portanto, Geertz (1997) define que a antropologia é uma ciência que tem o intuito de decifrar as ações do ser humano em busca do seu real sentido. Ao observarmos a arte, a religião, as leis, a moral, os costumes, não podemos abandonar nossos conflitos existenciais pelas experiências adquiridas se não for pela emoção, porém que devemos participar delas, conforme Geertz mesmo destaca:

A explicação interpretativa – e trata-se de uma forma de explicação e não de algum tipo de glossografia exaltada – concentra-se no significado que instituições, ações, imagens e locuções, eventos, costumes – ou seja, todos os objetos que normalmente interessa aos cientistas sociais – têm para seus “proprietários”.

Assim a antropologia pretende acrescentar aos dados pesquisados novos registros de respostas dadas por outras pessoas permitindo futuras investigações sobre o tema contido no registro, de modo a enriquecer o conhecimento. De forma, trabalharemos também com a história oral uma vez que analisaremos as narrativas mediante entrevistas. Segundo Delgado (2006, p. 15).

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunho, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais.

Percebemos, desse modo, que a história oral, segundo Delgado, é um procedimento integrado a uma metodologia que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participam de processos históricos ou testemunharam acontecimentos no âmbito da vida privada ou coletiva e ainda inscreve-se entre os diferentes procedimentos do método qualitativo, principalmente nas áreas de conhecimento histórico, antropológico e sociológico.

2 Considerações Teóricas sobre Imaginário

A comunidade de Sucuriju expressa o modo tradicional da cultura do caboclo amazônico. O imaginário e as crenças em determinados santos ou elementos sobrenaturais possuem relevância no modo de viver, não se diferenciando de outras povoações ribeirinhas, comuns na região norte do Brasil. Por não possuir comunicação direta com regiões urbanas, tendem a preservar sua cultura tradicional.

De acordo com Galvão (1983, p. 3).

Além desses, existe uma infinidade de seres classificados como bichos visagentos, sempre malignos e capazes de assombrar suas vítimas. O caboclo do Baixo Amazonas teme os macacos, veados, inhambus e qualquer outro animal que as circunstâncias ou características normais permitam identificar como visagentos.

As lendas são narrativas que caracterizam o lugar, acompanhadas de mistérios, assombrações e medo. Não se sabe ao certo como as lendas foram criadas. Elas acompanham fatos e acontecimentos comuns, ilustrados por cenários exóticos e de curta extensão. As narrativas encontradas na comunidade de Sucurijú expressam bem essa ideia de animais que assombram pessoas e *visagens* que são moradores ou *donos* de determinados locais.

O imaginário é definido de maneira geral por alguns autores a uma instância por onde circulam os mitos, as crenças, os símbolos, as ideologias e todas as ideias e concepções que se relacionam ao modo de viver de uma coletividade. A cultura popular de um determinado grupo tem uma maneira própria de se externar, ao tempo e lugar, cada grupo vai se manifestando de maneira genuína e o imaginário compõe e sustenta essa manifestação.

Gilbert Durand (1994) em “As Estruturas Antropológica do Imaginário” define o imaginário do homem como uma recorrência de estruturas antropológicas capazes de conterem subjetividades que são ativadas por toda uma gama de imagens do inconsciente coletivo, que correspondem ao conjunto de crenças e valores comportamentais básicos do ser

humano, desde os primórdios da existência do homem e que reproduzem constantemente a cultura.

Conforme Loureiro (1995), o homem amazônico compreende sua realidade de uma forma empírica e devaneia diante de sua beleza é ao tempo, sensível a ela podendo senti-la. Compreende e recria o seu mundo diante de sua presença. Nas narrativas orais, há uma preocupação em demonstrar a esteticidade da floresta, a convivência entre homem e natureza, os símbolos, e o sobrenatural. Além disso, o homem amazônico cria uma realidade transcendental da natureza.

De acordo com Loureiro (1995, p.75):

É possível identificar na cultura amazônica um imaginário poetizante e estetizador governando o sistema de funções culturais, tendo como suporte material a natureza e desenvolvendo-se através da vaga atitude contemplativa própria do homem da região em sua imersão no devaneio. Um devaneio que atua como ligação entre o real e o irreal exatamente naquele percurso sem palavras de retorno a vida. Uma atitude que traça o caminho poético entre o mundo silencioso dos deuses e o mundo dos homens.

O imaginário popular na vila de Sucurijú, principalmente o revelado nas narrativas orais, são produtos da coletividade, que identifica o modo de ver, sentir o mundo e os diferentes comportamentos sociais dessa comunidade.

De acordo com Araújo (*apud* LAPLATINE e TRINDADE, 1997), a imaginação pode ser compreendida como tudo aquilo que não existe, um mundo oposto à realidade concreta. Refere-se a uma produção de devaneios, de imagens que explicam e permitem a evasão para longe do cotidiano.

Ao estudar a realidade social da vila de Sucuriju percebemos que o imaginário popular encontra-se bastante interligado com as manifestações religiosas. As pessoas acrescentam características da formação religiosa nas lendas nos mitos e nas próprias histórias contadas pelos moradores. A festa que acontece uma vez por ano na comunidade em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré é um exemplo bem claro desse fenômeno, onde o profano e o sagrado são peças da mesma engrenagem.

Durkheim (1996) parte do princípio de que a religião é eminentemente uma construção social, em uma evidente redução do religioso a um fato social. Ou seja, a religião consiste em maneiras de agir, pensar e sentir que exercem poder de coerção sobre o indivíduo. Ele considera a dicotomia sagrado/profano como uma forma e uma categoria de pensar e viver a realidade. Os termos dessa divisão são bipolares e simultaneamente complementares e irreduzíveis, isto é, um não pode ser reduzido ao outro e, no entanto, um não pode subsistir sem o outro. Afirma Durkheim (1996, p.12) que todas as crenças religiosas:

Apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens concebem, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que as palavras ‘profano’ e ‘sagrado’ traduzem bastante bem. A divisão do mundo em dois domínios que compreendem um, tudo o que é sagrado, outro, tudo o que é profano, tal é o traço distintivo do pensamento religioso: as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas, são representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhes são atribuídos, sua história, suas relações mútuas e com as coisas profanas.

Quando abordarmos nesse trabalho sobre as estórias vivenciadas pelos pescadores em que aparecem elementos do folclore como aparições, almas, personificação de animais em humanos, curas dos males do corpo, causas das doenças, proibições por seres sobrenaturais, nos remetemos a uma característica da religiosidade em que não há crenças em seres divinos e sim a outras formas de credences, como animais e figuras míticas. Com relação a esse aspecto encontramos na obra de Durkheim (1996, p. 18) fragmentos que justificam diversas formas de manifestações religiosas:

Assim há ritos sem deuses e, inclusive, há ritos dos quais derivam os deuses. Nem todas as virtudes religiosas emanam de personalidades divinas, e há relações culturais que visam outra coisa que não unir o homem a uma divindade. Portanto, a religião vai além da ideia de deuses ou de espíritos, logo não se pode definir exclusivamente em função desta última.

Nesse sentido a religião é analisada como um sistema complexo de mitos, dogmas, crenças, ritos de cerimônias que caracterizam os fenômenos elementares dos quais toda religião resulta, antes do sistema produzido pela união desses elementos. Devemos, entretanto, enfatizar que todas as crenças não podem ser consideradas como um conjunto coerente de conhecimento; elas se acham envolvidas umas nas outras. Assim neste caso e como em todos os casos para MALINOWSKI (1976, p. 78).

Há uma certa latitude, dentro de qual as opiniões e os pontos de vista podem variar, e somente os princípios gerais que os cercam são definitivamente determinados pela tradição, incorporados a rituais e expressos pela fraseologia das fórmulas mágicas ou de um enunciado de um mito. Crença em que os elementos do mundo real estranhamente se mesclam com um elemento do mundo imaginário, tradicionalmente estabelecido, mescla esta, entretanto, que não é estranha às crenças em geral.

Trabalharemos com esses conceitos, pois acreditamos que expressa melhor o sentido da pesquisa, pois buscaremos analisar como o imaginário popular está inserido no cotidiano desses moradores ao ponto de influenciar a sua rotina, na tomada de decisões, atitudes no planejamento de suas ações e ao mesmo tempo a devoção à imagem da *Santa*, as promessas feitas, a espera de milagres e o festejo durante o período em que acontece a festa.

As narrativas populares não estão apenas centradas em indivíduos imaginários, mas também em crenças do meio cultural. Elas são a prova de que as tradições de um povo ainda vivem. Hoje em dia, podemos ainda ouvir as histórias que o povo conta apesar do advento da modernidade, muitos lugares ainda guardam suas memórias como na comunidade de Sucuriju. Junto ao imaginário as manifestações religiosas retratam contexto histórico e social da comunidade dando mais riqueza às lendas contadas. As narrativas populares são exemplos claros da manifestação cultural de um povo.

3 Surgimento da Vila

Segundo dados do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá - IEPA, Centro de Pesquisas Aquáticas - CPAQ, Departamento de Dinâmica de Ecossistemas Aquáticos. A comunidade de Sucurijú localiza-se no extremo leste do Estado do Amapá, entre as coordenadas geográficas lat. 01° 39' 49" N e long. 49° 55' 43" W, ao longo da faixa costeira, caracterizada por uma planície inundável flúvio-marinha. Distante 120 km da sede do município de Amapá em linha reta e 220 km da capital do Estado, Macapá. Apresenta uma área de 16.700 ha, localiza-se na margem direita do rio Sucuriju, próximo à desembocadura do rio, que se abre no Oceano Atlântico.

A região em torno da comunidade é composta de mangues, várzeas, não havendo nenhuma zona caracterizada como “terra firme”, livre da alagação por marés ou chuvas. Desse modo o acesso se faz somente de barco e, dependendo da maré, pode-se levar até 14 horas para chegar ao destino com saída do município de Amapá, uma vez que os deslocamentos por barcos obedecem ao fluxo das marés, as enchentes e as vazantes.

Figura 1:



A vila e o rio

Fonte: Caderno de fotos da tese de doutorado Carlos Emanuel Sautchuk- UNB 2007

Hoje a vila é composta por cerca de 460 moradores. A principal atividade é o pescado e a captura do caranguejo. Atualmente os moradores do Sucuriju contam apenas com um precário gerador a diesel, que fornece 4 horas diárias de energia elétrica, no período da noite das 18:00 às 22:00 horas e com duas cisternas para captação de água da chuva e um pequeno equipamento para fazer o processo de dessalinização, isto é, transforma a água local que é salgada em água potável. Essas são as únicas fontes de água potável existente.

A água potável é um dos maiores problemas para os moradores, uma vez que a vila é localizada próximo ao mar, numa região de mangue onde a maré adentra muito, salgando a água do rio e dos cursos d'água próximos. Por isso a água da chuva é utilizada no consumo. Desse modo no período de inverno, ela é armazenada a partir do telhado das casas, através de sistema de biqueiras⁴, com a finalidade de serem usadas no período que compreende o verão.

Outro problema existente na comunidade é a falta de oportunidade para os jovens continuarem os estudos. O atual cenário da educação local oferece até o ensino fundamental, ou seja, até o 9º ano. Devido a essa situação ocorre com frequência a saída de jovens da comunidade para os centros urbanos mais próximos, em virtude da continuação de estudo.

⁴ Sistema de cano utilizado para direcionar a água que cai do telhado em recipientes, chamados de frascos.

Essa migração se dá principalmente para a sede do município e Calçoene, com maior incidência no primeiro.

No entanto, existe a situação dos jovens, cujos pais não têm condições de arcar com os estudos dos filhos na cidade, e como consequência disso entram mais cedo na atividade pesqueira e constroem família e culturalmente repassam as práticas laborais aos seus filhos e aos filhos dos filhos deles.

Percebemos que não há uma preocupação dos poderes públicos quanto ao incentivo à educação nesta comunidade. “O homem que a educação deve realizar, em cada um de nós, não é o homem que a natureza fez, mas o homem que a sociedade quer que ele seja; e ela quer conforme o reclame a sua economia interna, o seu equilíbrio.” Èmile Durkheim, *Educação e Sociologia*. (1973, p.57)

A necessidade de qualquer processo de transformação política ocorre com a mobilização dos anseios da sociedade e a representação do corpo político para atender as demandas e, eventualmente, de criar modos sociais e políticos para reduzir a distância que separa os atores sociais do pleno direito de gozar dos direitos individuais e coletivos, como: moradia, saúde, lazer e principalmente educação como forma de romper com sua realidade e de poder conseguir uma mobilidade social.

Portanto, uma medida política que deveria ser adotada na comunidade do Sucuriçu é a implantação do Ensino Médio na modalidade modular, a exemplo de outras comunidades, como forma de continuação nos estudos da população, principalmente dos jovens. Assim, teríamos mais jovens com o ensino médio, que teriam uma perspectiva de vida melhor de conseguir um emprego no mercado de trabalho, isso refletiria em uma melhor qualidade de vida de seus filhos.

Na comunidade existem aproximadamente o número de cem construções, entre casas, depósitos de peixe e outras (Igreja católica, salão paroquial, Assembleia de Deus, escola, Colônia de Pescadores, bar etc.), todas dispostas ao longo da ponte, uma passarela em madeira de um quilômetro e meio, à qual se ligam trapiches menores, em direção ao rio.

No mês de agosto acontece na vila uma festa em homenagem a Nossa senhora de Nazaré, padroeira do lugar. No período da festa, que tem duração de dez dias seguidos, a comunidade é presenteada com arraial, baile dançante, leilões e jogos esportivos.

A festa para a padroeira é aguardada com ansiedade e entusiasmo pelos moradores da vila, uma vez que, segundo os relatos de moradores antigos, a homenagem em honra a Nossa Senhora de Nazaré se deu devido a uma promessa feita à Santa para que o rio de mesmo nome

da vila fosse navegável por embarcações maiores, melhorando as atividades econômicas da comunidade.

A partir dessa consideração, onde surge um cenário da forte influência religiosa e uma fundamentação no imaginário, é que esse trabalho procura discorrer acerca da hipótese que os moradores ainda conservam seus traços culturais, onde o imaginário exerce uma função social importante na vida desses moradores.

4 A promessa e a Cobra

De acordo com Sautchuk (2007), Por volta da década de 1920, no local onde hoje é a Vila Sucuriju havia apenas algumas feitorias⁵, utilizadas durante as temporadas de pesca costeira por pescadores vindos da embocadura do Amazonas, sobretudo da Vigia do Pará e do arquipélago do Bailique. Os Antigos habitantes da região ficavam no lago, vindo à costa apenas para vender o peixe e comprar alimentos.

Nesse contexto percebe-se que a vila é composta inicialmente por pescadores que se estalavam naquela região com finalidade de impulsionar o comércio da pesca. A vila teve origem através da chegada de antigos pescadores vindos do município de Vigia, no Pará, que, para salgar e secar o peixe construíram feitorias na foz deste rio, e aos poucos foram se fixando.

Segundo relatos de seu Anestor, que é morador da vila, em entrevista coletada em julho de 2012

Não existia esse rio aqui, não tinha casa aqui, não tinha essa vila aqui, só tinha umas casas lá fora do lado de lá, lá naquela ponta era onde *existia* nove, é.. é, palafita né, como o pessoal dizem né, uma *sargadeira* do pessoal *sargarem* peixe lá, aqui desse lado tinha uma casa lá em baixo, lá em baixo mesmo, *d'uma* família que *vieram* daí do Bailique, *Garapé Grande*, *Curuá*, os *Custódio* moravam lá, aí, aí, eles ficaram até agora, ainda tem gente dessa família aí, aqui acomodava *os pessoal* também, mas eles entravam por ali, pelo Piratuba. (**Grifo nosso**).

Atualmente o rio que passa na frente da comunidade, chamado de Sucuriju, não existia e nem tinha esse nome. O que havia era um pequeno córrego, corpo de água corrente de pequeno porte, porém não passava para lugar nenhum. Havia um barranco e uma praia, que impediam o contato com o mar. Segundo moradores mais antigos era um tempo em que se

⁵ Habitações construídas em madeira, a qual servia de moradia para os pescadores.

passava necessidade, devido à dificuldade para a chegada de embarcações que traziam mercadorias.

De acordo com depoimento da senhora Minervinha, que é outra moradora da vila, em entrevista coletada em julho de 2012

Antes *canua* nenhuma *não* entrava, era tudo tapado de uma beira a outra, a *buca* do rio era tapada, um monturo de areia mais *arto* que a *artura* de uma casa, não varava nada só entrava se fosse de reboque, ficava lá fora, só parecia meio mato, afundado lá fora. Quando eu me criei ali era muito difícil a vida, a gente ia lá fora de batelão pegar a mercadoria, para entrar de *vorta* na *priamá*.

O mesmo afirma o senhor Manoel, que também é um dos antigos moradores do vilarejo, em entrevista coletada em julho 2012:

Embarcação não ficava aqui na *buca*, a gente não avistava *ela* lá fora, ficava muito longe, as coisa que ia buscar era de batelão, de *muntaria*, vai embora até chegar lá, quando chegava lá, aí embarcava combustível, farinha, o açúcar, café, aí trazia até chegar na *buca*, vinha empurrando até chegar aqui, aí a *canua* entrava, embarcação nenhuma varava.

Nesse contexto é que surge a história do rio e, por conseguinte o nome da vila. Devido a essa dificuldade de chegar até as embarcações os moradores tinham que ir pela lama a uma distância considerada para comprar os mantimentos, o sofrimento era enorme uma vez que repetiam esse ritual várias vezes, adultos, crianças, mulheres e até mesmo as pessoas idosas tinham que ir.

Assim segundo relatos de moradores uma senhora conhecida como velha Tudica fez uma promessa para a santa Nossa Senhora de Nazaré: caso aquele córrego abrisse para as embarcações adentrarem na vila facilitando a compra de alimentos, rezariam em agradecimento durante três noites, todos os anos.

Afirma seu Anestor:

Aí e velha fez a promessa para a Santa, se ela abrisse esse rio pra *canua* entrar pra deixar o combustível aqui, que ela ia festejar na festa dela, ia fazer uma festa pra ela, uma promessa pra ela, aí baixou essa cobra.

O mesmo discurso observamos no relato de dona Minervinha:

Aí fizeram a promessa pra santa que no outro dia a água *tava jugando* lá fora. Tamanho da cobra era tamanho do rio, *bera* com *bera* ficou muito largo daí apelidaram de sucurijú então.

Segundo Sautchuk (2007), em seu trabalho de campo, nas entrevistas com antigos moradores colheu o seguinte depoimento: “Numa madrugada de tempestade, com chuva, vento, cerração, trovão, raio, ouviu-se um estrondo muito grande, que não vinha do céu, mas de baixo. Quando amanheceu, o rio já existia”. Esse depoimento é reforçado a partir do seguinte relato:

Abriu da noite pro dia. Foi um sucuriju que varou, que veio rasgando com essa terra toda e abriu esse rio aqui. Essa cobra veio de lá [do lago], d'um rego muito grande, muito fundo, que chamam rego do Urubu. Essa cobra desceu de lá e veio embora, rasgando por aí. Abriu esse rio aí, aí foi, foi, foi... Correu, foi abrindo, foi abrindo; deu certo na época do inverno, ele foi alargando. Ficou muito fundo... Foi assim que foi o negócio. Assim que abriu o rio que hoje é chamado o Sucuriju. Assim pôde varar água, que não escorria água antes. Aí começou o Sucuriju, daí que foi a Vila do Sucuriju. (A partir dos relatos de dona Tudica, além de seu Branco, e seu Nestor, autores dos trechos).

A partir desse episódio é que a vila de Sucurijú passou a ter esse nome, com o rio aberto começou intensificar a pesca na região dos lagos e na parte costeira da vila. Um dos principais fatores que contribuíram para a formação da vila foi a intensificação do comércio. Como o acesso à vila se faz apenas por via marítima, o fluxo de embarcações que levam o peixe e trazem mercadorias aumentou. Ocorreu a migração de mais moradores que começaram a estabelecer residências e construir famílias.

Com o fato de a desembocadura do rio, que antes era fechada, ter-se aberto simbolizando um novo tempo, a localidade, que antes se resumia a algumas feitorias de pescadores, passou a ser vila. Episódio este considerado como uma conexão com a sociedade ao redor, a convergência para um mesmo lugar (a Vila), dos antigos, que moravam e trabalhavam no lago, e de pescadores do mar oriundos principalmente das ilhas da foz do Amazonas, como comunidades ribeirinhas do Araguari, arquipélago do Bailique e da cidade de Amapá, que com o passar dos anos foram residir ali.

A maneira como a relação entre a vila e o rio Sucurijú é tratada, seja no próprio mito ou nos vários dicionários lingüísticos que relacionam a promessa, cobra e a vila, vai além da mera associação toponímica. Na elaboração da abertura do rio e da fundação da vila em um mesmo marco gerativo e nomeador, fica expressa uma forma de estabilização da identidade local a partir de dois elementos chave: a ligação vital com o comércio e a confluência dos regimes hídricos, técnicos e cosmológicos característicos do lago e da costa (Sautchuk, 2006). Tais elementos, acionados pela *Santa* e pela *Cobra*, agentes cosmológicos característicos do universo caboclo (Galvão, 1983), despontam como permanências mais abrangentes diante de uma história local perpassada de intensas mudanças dos pontos de vista econômico e geográfico.

O mito do surgimento da Vila de Sucurijú refere-se também à origem da maneira específica de viver o tempo na vila, conjugando ritmos diferentes entre o mar e o lago. A Cobra-Grande, animal pertencente ao lago, desce para abrir a boca do rio, possibilitando a entrada da maré dando origem ao trânsito e ao comércio necessários à fundação da Vila cujo surgimento ocorre simultaneamente com o rio, ambos com o nome do animal mítico Sautchuk (2006, p. 26).

O mito de origem do Sucuriju reporta-se, não a um pertencimento ancestral nem a uma criação exnihilo, mas justamente à confluência para um mesmo lugar de dois modos de vida regionalmente consagrados. A Cobra-demiurgo não age criando nem transformando, mas estabelecendo a vila através da abertura de passagem. Em outras palavras, o ato de gênese é o estabelecimento de comunicação, o que, na cosmogonia local, significa a constituição de fluxo hídrico.

A festa de Nazaré

A relação original entre a vila e o rio é lembrada ano a ano em um arraial promovido pela comunidade no qual homenageiam a padroeira local, *Nossa Senhora de Nazaré, Santa* a quem foi dirigida a promessa.

A *Festa*, como é chamada, é o evento mais importante da vida local. São dez dias do mês de agosto dedicados aos festejos. Sua parte inicial é o levantamento do mastro onde fica a imagem de *Nossa Senhora de Nazaré*, erguido no meio da praça, espaço localizado na parte superior de uma cisterna, uma espécie de laje. O término da festividade se dá com a derrubada do mastro, juntamente com a procissão pela passarela da vila, momento em que percebe-se uma grande devoção dos moradores para com a *Santa*.

Figura 2:



Procissão da festividade de Nazaré

Fonte: imagem coletada durante trabalho de campo

No dia da procissão as pessoas enfeitam as frentes de suas casas com mensagens, flores e outros adornos. Durante a romaria fogos de artifícios são soltados, oferecendo uma bela apresentação pirotécnica. A imagem sai da igreja, percorre toda a vila e retorna para o templo. Nos outros dias acontecem missas, jogos e uma das principais atrações, que é o baile dançante, momento em que o sagrado e o profano fazem parte de um só mecanismo.

Os dois últimos dias são considerados como os dias em que a festa é mais animada em virtude da disputa de bens a serem leiloados em prol da *Santa*, em que concorrem os dois grupos originais: laguistas, pescadores que exercem a atividade pesqueira na região dos lagos principalmente na captura do pirarucu⁶ e pescadores de fora assim chamados por eles, estes trabalham na região costeira da vila, próximo ao oceano na captura da guriuba⁷.

Chamamos atenção aqui para como esses dois dias de festa representam para a comunidade, pois esses dois tipos de pescadores foram os que fundaram a vila. Nesse sentido existe certa rivalidade entre os dois grupos em alguns aspectos, como por exemplo: quem arremata mais coisas no leilão acreditando que estão ajudando a *Santa* a pescaria nos dias seguinte será abençoada.

As duas últimas noites são os dias de festa em que circula mais dinheiro no leilão. Os pescadores formam dois grandes grupos: os laguistas e os pescadores de fora, a regra é que no final do leilão, ou seja, no término da festa quando é contabilizado o dinheiro um grupo não quer perder para o outro. Quando comparado às duas noites, quanto dinheiro se arrecadou na noite dos laguistas e dos pescadores de fora.

De certo modo aos olhos de quem não é da vila se torna um exagero o preço com que os donativos são arrematados no leilão. Por exemplo: um pudim R\$150 (reais); um bolo R\$180 (reais); um frango assado de forno R\$190 (reais); uma torta R\$200 (reais). Outra característica interessante, é que esses donativos são os próprios pescadores quem doam pra a *Santa*. Em outras palavras, gastam suas economias duas vezes, uma para prepararem esses donativos e outra quando arrematam.

O consumo de bebidas alcólicas exagerado é outra característica marcante da festa. Não precisa ter dinheiro para se embriagar. Facilmente se consegue beber, principalmente quem não é da vila.

Em uma vila composta basicamente por pescadores, poucos possuem vínculo empregatício. Parte das famílias conta com ajuda das políticas assistências do Estado, através

⁶ *Arapaima gigas*.

⁷ *Ariusparkeri*

de programas de transferência de renda. No período da festa torna-se um contraste ver um montante considerável de dinheiro que aparece para a Santa. O que podemos perceber é que ocorre um acúmulo de capital das famílias para ser investido na festividade.

Os moradores guardam dinheiro esperando o período da festa e muitas vezes trabalham dobrado para conseguirem mais. É fácil compreender o motivo para tal atitude se buscarmos a justificativa no sentido que a festa representa para esses moradores. As motivações da Festa deixam claro que, assim como abriu, ele pode secar; é um princípio inerente em uma cultura onde o imaginário popular atua. De forma que o cotidiano desses moradores molda-se às necessidades do ambiente. A promessa não pode ser quebrada, pois o castigo de o rio e a vila sofrerem as consequências voltando às características iniciais é inerente.

Segundo depoimento do senhor Manoel Ramos Santana, 72 anos, em julho 2012.

Desde o começo, esse tempo, desde o início, três vezes que já adiaram essa festa. Rapaz deu um haver de borboleta de *fugo*, que não se sabe, depois que *vortou* pra agosto as borboletas sumiram, o ano retrasado deu borboleta o ano todinho pra *ti ver*, aí deixaram pra setembro, aí foi que deu borboleta, depois *vortou pra* agosto acabou com as borboletas. Uma vez com essa arrumação de querer adiar a festa, *fui, fui...*, adia, torna adiar, tira de agosto, *vorta* pra agosto, a Santa rapaz, caiu de cima do *artar*, em cima do assoalho quebrou *tudinha...*() Outra vez com esse negócio de, de..., adiar essa festa pra cá, pra ali, quase, quase, quase que esse rio tapa de uma vez, ficou que *pra ti* ir daqui lá no lago, *tu gastava* quase uma semana pra chegar lá, aí foi, foi, *vortando...* vamos *vortar* com a promessa da santa, e tornou a *vortar* pra mesma coisa.

Percebe-se que a festa representa muito mais que uma simples festividade, ela representa o compromisso de não deixar a promessa inicial ser quebrada e, por conseguinte o castigo de voltar a ser como antes.

Dando nome à vila e ao rio, a cobra grande é demiurgo por seu próprio movimento, assim como a morfologia da vila, que tem por característica a natureza acompanhar as alterações do rio; e nisso reside um aspecto fundamental da memória e da identidade do Sucuriçu – a permanência do movimento (Sautchuk, 2007).

Considerações finais

Na vila de Sucuriçu é muito comum a crença em seres sobrenaturais capazes de castigar e provocar malinasas principalmente na região dos lagos, local onde é realizada a pesca do pirarucu e onde grande maioria dos pescadores passam maior parte de seu tempo. Segundo os moradores o lago é um lugar habitado por seres titulados *donos* do lugar, esses

são responsáveis pela manutenção do lugar. Pois regulam as atividades acontecidas nessa região, assim como eles ajudam na pesca eles podem também proibir certas atitudes dos pescadores.

Para Galvão (1983, p. 18):

Uma das concepções básicas, que definem o tipo de relação entre o homem e os bichos visagentos, é a crença em sua malignidade, ativa ou potencial. Isso não exprime uma simples atitude de antagonismo entre o homem e o ambiente que o cerca, mas se apoia na ideia de que os seres sobrenaturais controlam ou dominam um setor do meio: espécies animais, a mata, a água ou qualquer acidente natural.

Segundo Sautchuk (2007), são frequentes os casos em que alguém recebe uma punição por ter exagerado ou maltratado os animais, quem resguarda esta ética é o *dono* do lugar, uma entidade que domina toda a região, e que tem todos os animais como seu xerimbabo (animal de criação). Pode aparecer ao laguista na forma de animais ou *visagens* (espíritos, fantasmas). Assim, o ataque de um Sucuriju ou de um jacaré ou a perturbação noturna (*cuíra*) podem ser na verdade causados pelo dono, que pode atingir o laguista de diversas formas.

Em alguns lugares é comum os pescadores quando vão para determinado lugar levarem uma garrafa de cachaça como forma de oferenda ao *dono* do lugar acreditando que dessa maneira conseguem permissão para estarem naquela área. Segundo o senhor Maciel ao retornarem percebem que garrafa ainda encontra-se no mesmo local lacrada, porém totalmente vazia.

Quando vamos trabalhar a gente leva duelo [marca de cachaça] pra eles, senão, não tem como mariscar, porque o dono não deixa, se alguém vai *pro* lago e fica porre, na volta fica bonzinho, tanto pegar porrada.

A crença em santos, seres sobrenaturais que buscam fundamento no imaginário popular são características presentes na dinâmica do caboclo amazônico. A vila de Sucuriju uma comunidade que tem a pesca como única atividade produtiva, localizar-se em uma região longínqua isolada de centros urbanos, um dois principais fatores que levam a conservar a cultura tradicional. Associado a isso a baixa escolaridade o baixo investimento de políticas públicas, a dificuldade de acesso a energia elétrica e principalmente a obtenção de água potável torna a vida ainda mais difícil nessa comunidade.

Essa leitura sobre o imaginário popular com base nas narrativas procurou mostrar que nessa comunidade existe uma maneira de acreditar que o surgimento da vila através da promessa e a cobra é legítimo o que antes se resumia em algumas feitorias passou a ser uma comunidade conhecida como vila de Sucuriju um dos fatores que contribuíram para uma formação de uma identidade local. No vilarejo a festa de Nazaré é aguardada com ansiedade e

entusiasmo pelos moradores da comunidade para homenagear e honrar a Santa, uma relação original entre a Vila e o Rio devido a Promessa.

Referencial Bibliográfico

- ARAÚJO, Júlio Cesar de. **Simbolismo e Imaginário** – Um olhar sobre a cultura do vale do Juruá. Manaus: Editora Vale, 2007.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral – memória, tempo, identidade / Lucilia de Almeida Neves Delgado. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DURKHEIM, Èmile. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália / Èmile Durkheim; tradução Paulo Neves. – São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DURKHEIM, Èmile. Educação e sociologia. São Paulo: Editora Melhoramentos. 1973.
- GALVÃO, Eduardo. Religião e sociedade - 10. Rio: Nov. 1983 p. 3 a 8.
- GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa/ Clifford Geertz; tradução de Vera Mello Joscelyne. – Petropolis, RJ: Vozes, 1997.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário/João de Jesus Paes Loureiro, Belém, PA: cejusp, 1995.
- MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo; Abril Cultural - Coleção Os Pensadores, 1976.
- SAUTCHUK, C. E. **Esse rio abriu da noite pro dia**: A Vila do Sucuriju, Comunidade Pesqueira do Litoral do Amapá. ACT Brasil Edições. 1ª ed. Brasília. 50p. 2006.
- SAUTCHUK, C. E. **O arpão e o anzol**: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila do Sucuriju, Amapá). Tese de doutorado. Universidade de Brasília. Brasília. 401p., 2007.
- SILVA, L. M. Caracterização sócio-econômica dos pescadores da vila do Sucuriju. estado do Amapá. Disponível em: <http://www.iepa.ap.gov.br/temp1/IEPA/CPAq/PET_AP.pdf> acesso em: 20 de julho de 2012.